



***RACISMO NA LITERATURA INFANTIL: A REPRESENTAÇÃO DA
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO LIVRO ABECÊ DA
LIBERDADE***

***RACISMO EN LA LITERATURA INFANTIL: LA REPRESENTACIÓN DE
LA HISTORIA Y LA CULTURA AFRO-BRASILEÑA EN EL LIBRO ABECÊ DA
LIBERDADE***

***RACISM IN CHILDREN'S LITERATURE: THE REPRESENTATION OF
AFRO-BRAZILIAN HISTORY AND CULTURE IN THE BOOK ABENCE OF
FREEDOM***

Larissa Borges dos Santos Correia¹

Lucas Ribeiro Campos²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender como a história e a cultura afro-brasileira são representadas no livro *Abecê da Liberdade*. Trata-se de um estudo de caso qualitativo, valendo-se da análise documental. Para o tratamento dos dados, utiliza-se a análise textual discursiva. Assim, os resultados apontam que a obra traz a história do povo negro através da trajetória do Luiz Gama, evidenciando a participação negra na história do Brasil. Entretanto, o livro cometeu equívocos ao romantizar a vivência de crianças dentro do regime escravista, ressaltando aspectos desumanos que desqualificam o negro e sua cultura. Sugere-se uma reorganização nos parâmetros de seleção dos livros infantis das instituições de ensino, assim como uma revisão editorial na intenção de ampliar o acervo da literatura afro-brasileira positiva, garantindo às crianças o conhecimento da realidade e não às manter à mercê da lógica da sociedade racista.

PALAVRAS-CHAVE: Abecê da Liberdade. Luiz Gama. Literatura Infantil.

¹ Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Maria Milza (UNIMAM), Governador Mangabeira, Bahia, Brasil.

² Doutorando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador. Docente do UNIMAM, Governador Mangabeira, Bahia, Brasil.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo la historia y la cultura afrobrasileña están representadas en el libro *Abecê da Liberdade*. Se trata de un estudio de caso, mediante análisis documental. Para procesar los datos se utilizó el análisis textual discursivo. Los resultados indican que el trabajo acerca la historia del pueblo negro a través de la trayectoria de Luiz Gama y su participación en la historia de Brasil. El libro cometió errores al romantizar la experiencia de los niños en esclavitud, destacando aspectos inhumanos que descalifican a los negros. Propone una reorganización de los parámetros de selección de libros infantiles en las instituciones educativas y una revisión editorial destinada a ampliar la colección de literatura afrobrasileña positiva, garantizando a los niños el conocimiento de la realidad y no dejándolos a merced de la lógica de una sociedad racista.

PALABRAS CLAVE: *Abecê da Liberdade*. Luis Gama. Literatura infantil.

ABSTRACT

This study aims to understand how Afro-Brazilian history and culture is represented in the book *Abecê da Liberdade*. This is a case study qualitative, using documental analysis. For data processing, discursive textual analysis is used. Thus, the results indicate that the work brings the history of the black people through the trajectory of Luiz Gama, evidencing the black participation in the history of Brazil. However, the book made mistakes by romanticizing the experience of children within the slave regime, highlighting inhuman aspects that disqualify black people and their culture. Therefore, it is suggested a reorganization in the selection parameters of children's books from educational institutions, as well as an editorial review with the intention of expanding the collection of positive Afro-Brazilian literature, guaranteeing children knowledge of reality and not keeping them at the mercy of the logic of racist society.

KEYWORDS: *Abecê da Liberdade*. Luiz Gama. Children's literature.

* * *

*Nossas crianças não brincarão de escravos.
Os corpos dos nossos meninos negros não servirão
ao açoite ou à zombaria dos racistas.
Nossos filhos dormirão um sono tranquilo.*
Edson Carneiro

Introdução

No ano de 2015, o selo Alfaguara da editora Companhia das Letras, publicou o livro infantil, intitulado *Abecê da Liberdade: A história de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com palavras*, que narra a trajetória de liderança negra e abolicionista, de Luiz Gama. O livro circulou entre professores, gestores, estudantes, bibliotecas e somente 6 anos depois, em setembro de 2021, foi denunciado nas redes sociais pelo conteúdo racista de sua narrativa. Desde então, a obra foi retirada de circulação, mas ainda assim, é possível encontrá-la em livrarias online.

Diante dessa situação, utilizando esta obra como objeto de pesquisa, o presente artigo objetiva compreender como é representada a história e a cultura afro-brasileira no livro *Abecê da Liberdade*. Como objetivos específicos: identificar os fatos históricos apresentados na obra; verificar se a narrativa do livro está alinhada com a legislação e os documentos oficiais acerca do ensino de história e cultura afro-brasileira; analisar de que forma o livro reproduz e/ou combate o racismo no espaço escolar.

A temática justifica-se a partir de lutas pessoais, sociais e acadêmica, além de estarmos cientes do nosso lugar de fala enquanto autores negros que entendem a necessidade de perceber e divulgar o quanto essas obras nos afetam diariamente, a medida em que o corpo negro é visto em todo o momento, de maneira negativa.

Além disso, por entender que essa obra não foi pesquisada anteriormente, até a execução dessa pesquisa que foi realizada no ano de 2022.

Logo, pode-se considerar o presente artigo como a única análise do livro, o qual poderá abrir espaço para estudos posteriores sobre o mesmo. Desse modo, a atual pesquisa torna-se relevante a partir da necessidade de sensibilizar editoras, professores e gestores acerca do olhar crítico para obras que discutem as questões étnico-raciais nas escolas, assim como atentar-se para práticas pedagógicas a partir de instrumentos didáticos que corroborem para a manutenção do racismo em sala de aula.

Literatura infantil afro-brasileira

No Brasil, a educação para a infância, começou a ser pensada a partir da expansão de uma sociedade industrial junto à luta para a inserção da mulher no mercado de trabalho onde era concebida em um caráter assistencialista, se restringindo apenas à guarda e ao cuidado. No entanto, os impactos dos movimentos sociais contribuíram para uma nova ressignificação no entendimento de infância, compreendendo suas especificidades, principalmente na educação, à medida que foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, solidificando a educação na infância, para além do cuidado.

É no sentido de se pensar em obras que abarcassem as especificidades desse público, que se fundamenta a literatura infantil, com intuito de desenvolver o intelecto e o emocional da criança e discipliná-las para a vida adulta. Para mais, Gonçalves e Silva (2020, p.9), realça que a literatura infantil contribui para “a disposição de informações

culturais e despertar o prazer pela leitura, desde a primeira infância, visando à formação do leitor e estimular a narrativa infantil.”

Nesse contexto, as produções literárias, apresentam-se no século XIX baseadas em transcrições de obras europeias traduzidas por escritores da época, a citar Monteiro Lobato, importante escritor brasileiro que passa de tradutor dessas obras, ganhando destaque enquanto precursor de obras infantis produzidas no Brasil. Em contrapartida, cabe ressaltar à maneira estereotipada em que a literatura Lobatiana trata os povos negros, assim como em sua obra *Reinações de narizinho* (1931) a qual trazem falas do tipo “tia Nastácia, negra de estimação”, “A boa negra deu uma risada gostosa, com a beicaria inteira.” evidenciando o cunho racista de suas obras.

No entanto, é possível afirmar que:

A obra de Monteiro Lobato não deve ser rejeitada, mas abordada com visão crítica. Pode assim abrir um leque de discussão sobre a visão do negro na literatura infantil tradicional da época. A literatura é de vital importância para os seres humanos, pois através da arte literária os homens estabelecem vínculos. (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 44).

As obras Lobatianas corroboram também para uma visão crítica acerca da atualidade, visto que no contexto literário atual, ainda predominam obras com narrativas eurocêntricas, estereotipada e discriminatórias, onde alguns infantes tendem a reproduzir essa visão, enquanto outros, se sentem completamente inferiorizados.

Contos como *Branca de neve*, *Cinderela*, dentre outros, corroboram para a reprodução dos mitos de superioridade branca e inferioridade negra, à medida que a criança negra não tem seus marcadores de identidade representados, sendo estabelecidos padrões de bom e de belo. Sendo assim, a criança negra não se enxerga dentro do processo educativo, sequer na sociedade, desenvolvendo a auto rejeição do seu corpo e se modificando para adequar-se ao “padrão” de branquitude que lhes é imposta. Nesse sentido,

É essencial que o professor tenha o cuidado na escolha dos livros infantis, tendo em vista que muitos livros reforçam padrões que revelam estereótipos criados historicamente e preconceitos, que muitas vezes, estão presentes não só no enredo, nas palavras, mas também nas ilustrações. (GONÇALVES; SILVA 2020, p. 12).

Desse modo, é importante destacar que durante muito tempo, o negro era visto nas obras infantis como animais, preguiçosos, feiticeiros e domésticos. É nesse sentido, que

em 1975 autores se movimentaram em busca de uma literatura que retratasse temáticas vistas como impróprias para crianças, a citar: o racismo. A partir disso, origina-se a literatura afro-brasileira, que são obras que,

Buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras retratam situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana. (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 45).

Logo, pode-se afirmar, que a literatura afro-brasileira possibilita um resgate histórico em uma totalidade, sendo um instrumento viabilizador para rupturas de preconceitos e valorização de identidade. Traz, também, novas percepções de mundo não apenas para crianças negras se sentirem pertencentes, mas para que alunos (as) não-negros (as) reconheçam as contribuições do negro em inúmeras instâncias da sociedade de modo a não corroborar para a manutenção do racismo no espaço escolar.

Contudo, é importante chamar atenção que, para o livro ser considerado uma literatura afro-brasileira, não basta somente abordar preconceitos ou evidenciar personagens negros, é preciso atentar-se para a forma que são trabalhadas, à medida que “há que se destacar também que as obras literárias que abordam tal temática - ou mesmo as que apresentam personagens protagonistas negros - não necessariamente rompem com o discurso racista” (BISPO; LINS 2020, p. 281). Isso, pois, ainda que abordem elementos do povo negro, existem obras que tendem a retratar o racismo de maneira romantizada, na ideia de taxá-lo como um mito.

Em face do exposto, literaturas que evidenciem a “participação dos africanos e seus descendentes em episódios da história do Brasil, destacando-se a atuação de negros e diferentes áreas do conhecimento” (BRASIL, 2004, p. 22), é fundamental para uma ruptura ideológica, à medida que busca descolonizar os currículos escolares, proporcionando aos alunos(as) negros(as) uma identidade positiva, assim como se enxergarem em um lugar para além de uma história de escravidão, pois

Somente o conhecimento da história da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro, além de contribuir para o resgate da auto-estima de milhares de crianças e jovens que se veem marginalizados por uma escola de padrões eurocêtricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação. (FERNANDES, 2005, p. 282).

Nessa conjuntura, é preciso analisar de que forma o negro, bem como a literatura afro-brasileira está sendo abordada e de que maneira a criança está se apropriando. Nesse caso, a necessidade de uma vontade política para um maior investimento em formação contínua dos professores se torna fundamental para contribuir com uma visão crítica na seleção de livros infantis e buscarem obras literárias que reforcem o negro como essencial na existência humana, isto, pois é notório que ainda existe uma escassez no reconhecimento positivo dos marcadores identitários culturais e físicos da pessoa negra dentro do âmbito escolar.

Procedimentos metodológicos

Buscando alinhar o estudo com os objetivos apresentados, trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como procedimento o estudo de caso, que se configura enquanto “estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.” (YIN, 2001, p. 19).

Como instrumento de coleta de dados, realizou-se a análise documental, a qual tem seus dados coletados de maneira indireta, sem a necessidade de recursos humanos. Desse modo, foram utilizados o livro *Abecê da Liberdade (2015)*, juntamente com notas de imprensa, entrevistas disponíveis na internet e documentos oficiais acerca do ensino da história e cultura afro-brasileira.

A escolha da obra se deu a partir de manifestações nas redes sociais em 2021, levantando questionamentos determinantes para a análise do livro, a citar: Qual a editora? Quem são os autores? Quem ilustrou? Quais outros livros esses escritores escreveram? Quais os seus interesses? Em qual contexto ele foi escrito? Quais problemáticas o livro apresenta? Ou seja, pensar o livro através de seu contexto.

Para análise de dados, utilizou-se a análise textual discursiva de Moraes e Galiazzi (2007), que conta com a unitarização, categorização e comunicação, que são etapas necessárias para que a interpretação empírica se torne científica e assim seja validada.

Os autores do abecê da liberdade e a denúncia de racismo

Para entender o *Abecê da Liberdade*, primeiramente é preciso conhecer quem são seus autores e como se fundamenta o lugar social desses indivíduos. Trata-se de dois homens brancos e sulistas. O primeiro é José Roberto Torero Fernandes Júnior, nascido em 1963, na cidade de Santos-SP, com formação em jornalismo e letras pela Universidade de São Paulo (USP). O segundo é Marcus Aurelius Pimenta, nascido em 1962, na cidade de São Paulo, com formação de jornalista e roteirista pela Universidade Metodista. Pimenta ganhou destaque em programas televisivos e como co-autor de obras junto à Torero.

Os autores reúnem juntos, diversos livros, além de dispor de uma trilogia de histórias infantis que revelam o interesse pela história do Brasil. Dentre esses interesses, cabe um maior destaque, ao livro intitulado *Terra Papagalli* (2013), o qual retrata a história do Brasil enquanto “descobrimento”, por meio de uma releitura da carta do escrivão Pero Vaz de Caminha, onde narra uma expedição junto a Pedro Álvares Cabral, na intenção de ensinar os costumes portugueses para os indígenas, os quais são retratados da seguinte forma: “Olhando então com mais cuidado para a praia, vi umas criaturas semelhantes a macacos, que andavam muito eretas e apontavam para nós.”(TORERO; PIMENTA, 2013, p. 31)

Nonô descobre o espelho (2007), também evidencia em sua descrição outro aspecto problemático das produções de Torero e Pimenta:

Depois de ser capturado por inimigos desconhecidos, Nonô atravessa o oceano a bordo de um navio negreiro e vem parar no Brasil. Aqui, ele é comprado, vive aventuras incríveis. [...] No Brasil, trabalhando como escravo, Nonô leva um susto com a nova vida que seus donos o obrigam a levar. (PIMENTA; TORERO, 2007, grifo nosso).

Cabe então indagar: que tipo de aventuras incríveis se pode ter em um navio negreiro? Os autores retiram o peso dramático da experiência dos povos escravizados, silenciando o sofrimento a bordo do navio negreiro. Isso se repetiu, em 2015, no livro *Abecê da Liberdade*.

Além dessas, outras obras como *Nuno descobre o Brasil* (2004); *Entre raios e caranguejos: A fuga da família real para o Brasil contada pelo pequeno dom Pedro* (2015), evidenciam que os escritores possuem uma temática específica nas narrativas

infantis. Uma narrativa viciada e direcionada ainda com resquícios de uma historiografia que tratou os indígenas e o povo negro como seres irracionais e animalizados. Isso permite questionar: até que ponto os autores se apropriam e se identificam com as narrativas acerca da história do Brasil, considerando seu lugar histórico social?

Com base em uma investigação realizada pelas redes sociais e obras dos autores, foi perceptível que ambos possuem um interesse peculiar acerca da história do Brasil, destacando seus *modus operandi*. Esse interesse perpassa a realidade, destacando uma visão colonial e eurocêntrica da história, onde já no título e descrição de suas obras, acabam reproduzindo padrões criados historicamente no imaginário de quem pouco sofreu com a invasão de 1500.

A visão distorcida da história do Brasil, evidenciada nas obras dos autores, explica toda a polêmica a qual o livro *Abecê da Liberdade* foi envolvida. Em setembro de 2021, a obra foi denunciada nas redes sociais, por tratar o regime escravocrata, enquanto um regime de harmonia entre as pessoas, visto que apresenta uma romantização na narrativa e nas ilustrações. A partir de toda manifestação e repúdio de professores e da sociedade na época, a editora Companhia das Letras, publicou uma nota nas redes sociais, reconhecendo o erro:

Nós erramos. Assumimos totalmente nossa falha em ter mantido no catálogo a obra *Abecê da liberdade*. Encaminhamos um projeto para que todo o catálogo infantojuvenil seja lido por grupos de profissionais dedicados à análise sensível. [...] Concordamos que a obra *Abecê da liberdade* apresenta erros e problemas, como vocês nos apontaram. Sentimos muito pelo ocorrido e lamentamos profundamente. Quando percebemos o nosso erro grave, imediatamente disparamos o processo de recolhimento dos livros do mercado. [...]. Seguimos sempre abertos para o diálogo. É preciso reconhecer erros e esse foi um erro grave. (COMPANHIA DAS LETRAS, 2021).

Para justificar os fatos ocorridos no processo, a editora aponta que,

A obra em questão não passou por revisão e voltou a ser comercializada em 2020. É uma falha processual grave, que já começou a ser corrigida. Essas falhas não minimizam o erro. Nós erramos. O livro está fora de catálogo e não voltará a ser comercializado pela editora. Iniciamos a revisão dos nossos processos de reimpressão para que todos os títulos sejam relidos imediatamente. (COMPANHIA DAS LETRAS, 2021, grifo nosso).

A ausência de uma revisão crítica realizada por historiadores negros, evidenciam que existem falhas até mesmo em uma das maiores editoras do Brasil, que tem sido por muitos anos, um suporte para o acesso ao conhecimento. A falta de preocupação e cuidado com o que será absorvido pelo público infantil, assim como de sensibilidade com a história de Luiz Gama, tem reproduzido diariamente narrativas que desqualificam o negro e sua cultura. Intencionalmente ou não, é preciso admitir que “deixar passar” obras como estas, reforçam a manutenção de um passado colonial que tanto se tem lutado para erradicar.

Por meio de uma reportagem ao site Uol, os autores se manifestaram da seguinte forma:

É difícil uma pessoa não se emocionar com a história [de Luiz Gama] e comigo não foi diferente. O José Roberto Torero também se encantou com o personagem e fomos fazer as pesquisas. Não havia muitas fontes, nem tantas informações novas, mas era o suficiente para preparar uma estrutura. (PIMENTA, 2021).

Entretanto, considerando que é um livro de 2015, Luiz Gama era desconhecido das pesquisas nessa época? Observa-se que os autores pouco se debruçaram nas pesquisas, ao considerar o superficial, o suficiente para escrever uma narrativa sob suas óticas. Frente a isso, em uma entrevista realizada pelo ConJur em 2020, Lígia Fonseca Ferreira aborda que “talvez a dificuldade para se ter acesso aos jornais explique um pouco esse desconhecimento. Mas também não houve muita preocupação em se resolver isso.”

Essa falta de preocupação, talvez justifique a narrativa controversa que o *Abecê da Liberdade* traz, o que não justifica a idealização de um fato não ocorrido. Nesse sentido, Torero (Uol, 2021) alega que “é um romance, uma obra de ficção. Não há a busca de exatidão histórica. A ideia é ter liberdade para criar”. Mas até que ponto a liberdade de criação dá o direito de banalizar o sofrimento de um povo? A dor e o sofrimento foram reais e essa “liberdade para criar” que constantemente tem interferido na maneira em que o negro e sua história são vistas na sociedade brasileira.

Ao ser questionado quanto a ideia de alegria e harmonia entre as crianças em situações de escravização, Torero afirma que “a ironia é uma forma de trabalhar a dor”. E reitera que:

Se as crianças não soubessem o que ia acontecer [na escravidão], talvez elas brincassem. Crianças brincam em velórios, por exemplo. É uma

forma de fugir da dor. Também tínhamos que ser fiéis ao Luiz gama, um homem que tinha muito humor, [...] talvez fosse mais fácil fazer algo dramático. Mas resistimos a essa tentação. Uma criança é mais complexa do que isso. (Uol, 2021).

Em uma nota publicada pelo jornal literário Rascunho, José Roberto Torero diz:

Como autor de livros para crianças, às vezes me sinto pisando em ovos. Ou melhor, num campo minado. [...] Um veterano autor me disse que hoje, ao fazer um livro para crianças, se lembra dos tempos da ditadura, quando escrevia num grande jornal e tinha que tomar cuidado com a escolha de cada palavra, porque ela poderia ser censurada. Os exemplos de patrulha ideológica vão de simples adjetivos a histórias inteiras, passando por cenas, personagens e ilustrações. [...] Se o assunto é escravidão, podem reclamar se você mostrar um castigo muito duro ou se descrever momentos muito leves. [...] A censura geralmente começa nos pais, passa às escolas, daí chega às editoras e acaba no colo dos autores, que têm que fazer uma dolorosa autocensura. [...] É claro que os pais têm direito de reclamar [...] Mas os autores também têm direito de reclamar das reclamações. (TORERO, 2021).

É visível que, para os autores, não há uma preocupação em relação à formação de opinião da criança leitora, sequer em combater o racismo. Isso apercebe-se em suas falas que buscam argumentos para justificar, mas não reconhecem os retrocessos históricos causados pelo conto. A falta de responsabilidade ao tratar esse debate enquanto censura, se configura como uma forma de anular a discussão étnico-racial, assim como a política antirracista.

Talvez seja difícil dizer com exatidão histórica os motivos pelos quais os autores se expressam dessa forma, apesar de entender o prazer por narrativas romantizadas da história do Brasil. Então por que essa narrativa durou tanto tempo, diante das problemáticas em torno das obras dos autores?

Segundo a importante escritora Cidinha Silva, em nota publicada no site Geledés (2021),

Só uma mentalidade branca, completamente apartada da dor das outras pessoas e de noções rasteiras de direitos humanos conseguiria licença poética para devanear cenas lúdicas no interior de um navio escravagista. [...], mas, de toda sorte, trata-se do mundo branco, feito pelos bancos, para os próprios brancos viverem confortavelmente. Entretanto, como está tudo entre brancos, o livro será modificado, reimpresso, venderá milhares de cópias e será adotado em programas institucionais importantes e lido por milhares de crianças. Querem apostar?

Nesse contexto, Cuti discute que:

A literatura negro-brasileira, contou, assim como textos de autores brancos em seu prelúdio como via paralela de falar do negro sem se posicionar como tal no discurso, por meio da construção de personagens negras ao sabor de uma necessidade de afirmar as próprias ilusões dos autores [...] Trata-se de uma construção imagética para consumo e apaziguamento do leitor branco, levando-o a justificar para si mesmo a situação social de miserabilidade da população negra, experimentando o reforço das ideias de hierarquia racial, e ao mesmo tempo o sentimento de aversão, e, em certos casos, de comiseração, pois quando o leitor tem pena da personagem, sente-se superior a ela. (CUTI, 2010, p.62).

Diante do que foi exposto, fica o questionamento: Mas afinal, até que ponto podemos discutir a escravidão com crianças? Devemos traumatizá-las expondo a realidade ou trazer de uma forma romantizada? Consoante as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (DCNERER),

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente. (BRASIL, 2004, p. 14)

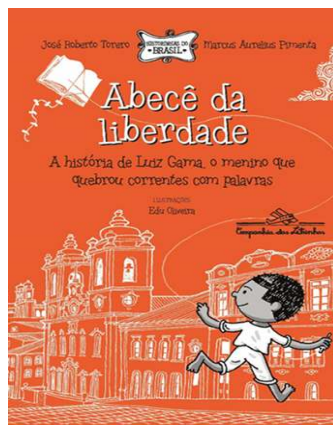
Nesse sentido, é necessário que a realidade seja exposta, não invalidando o sofrimento de um povo, tampouco encaminhe para uma tentativa de envergonhar a criança leitora, da sua identidade e raízes. É preciso um olhar aguçado sobre as obras que abordam as questões étnico-raciais, uma vez que “muitos livros reforçam padrões que revelam estereótipos criados historicamente e preconceitos, que muitas vezes, estão presentes não só no enredo, nas palavras, mas também nas ilustrações.” (SILVA; GONÇALVES, 2020, p. 12).

As múltiplas faces do *Abecê da Liberdade*: uma análise do livro

O livro intitulado *Abecê da Liberdade: a história de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com palavras*, com autoria de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, disserta sobre a trajetória de lutas, resistência e abolicionismo de Luiz Gama. A obra foi publicada pelo selo Alfaguara da editora Companhia das Letrinhas no ano de 2015, onde possui um público-alvo da faixa etária entre 6 a 8 anos. A obra dispõe de uma

capa na cor laranja, onde retrata Gama na infância, brincando com um livro, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na cidade de Salvador.

FIGURA 1: Capa do livro *Abecê da Liberdade*



Fonte: Companhia das Letras, 2015.

Quanto ao interior do livro, o manuscrito dispõe de 47 páginas, compostas por 44 ilustrações nas cores preta e branca, realizadas pelo ilustrador Edu Oliveira, em que permite experienciar os fatos da história, bem como se identificar ou não com os personagens. Cabe destacar que pouco se sabe sobre o ilustrador, apenas que nasceu em Porto Alegre, em 1962.

Em primeira análise, a narrativa realiza a apresentação do Luiz Gama da seguinte forma:

Eu tenho 10 anos. Meu nome é Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Mas todo mundo me chama de Luizinho. [...] Tenho dois côncavos e um palmo de altura, e peso três arrobas. Mais ou menos como todos os meninos da minha idade. Eu sou mulato. Mulato escuro. Puxei mais à minha mãe do que ao meu pai. (PIMENTA; TORERO, 2015, p. 5, grifo nosso).

Conforme o Minidicionário Caldas Aulete (2010, p.67), o termo “arroba”, se configura enquanto uma “unidade de medida de peso us. na agropecuária brasileira, equivalente a 15kg.” Isto é, a linguagem “arroba” tem se configurado enquanto um termo ligado ao peso de gado. Ao realizar uma pesquisa da palavra “arroba”, através do Google, as primeiras ocorrências que aparecem de notícias e artigos, estão ligadas aos indicadores acerca do preço do boi. Então por que os autores fizeram a escolha dessa palavra para descrever Gama?

No que diz respeito ao termo “mulato”, é possível perceber mais uma vez o reforço da associação do negro com animal. Em relação a isso, Vasconcelos (2012, p.11) afirma que “no Brasil colonial, podemos encontrar muitos exemplos do paralelo entre o escravo e o animal. A começar pela palavra mulato, que, etimologicamente, não é outra coisa senão um diminutivo de ‘mulo’ (lat. mulus) ou mula.”

É inegável que a presente narrativa literária, associa aos personagens negros uma descrição dos seus atributos físicos, na intenção de animalização. Essa animalização da população negra, é um traço muito característico desde o século XIX, a partir do racismo científico, em que “situava o negro, no interior da cadeia evolutiva, num patamar entre o homem branco e as demais espécies.” (GÔVEA, 2005, p. 88). O que justificaria a continuidade de narrativas insensíveis que se tem atualmente.

Em sequência, os autores descrevem Mahin, mãe de Luiz Gama, da seguinte forma: “a minha mãe, se chamava (ou se chama) Luiza Mahin. Ela nasceu na África, na costa da Mina, e é (ou era) negra como o carvão. Minha mãe é (ou era) bonita, magrinha e baixinha. Lembro dela cantando e rindo com seus dentes brancos de leite” (PIMENTA; TORERO, 2015, p.6-7, grifo nosso).

A propagação de termos pejorativos nos livros infantis, reforça para a criança negra, a invalidação do seu ser e o desejo de ser branca, quanto a criança branca, um estímulo para naturalizar o racismo. Nesse sentido, Silva (2005, p. 22-23), afirma que:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações.

Por esse ângulo, a inferiorização da imagem do negro, em sobreposição do branco, torna-se evidente na narrativa, uma vez que ao tratar do pai de Luiz Gama (um homem branco), o texto faz a seguinte descrição:

Meu pai fez uma coisa muito feia e ele não ia gostar que as pessoas soubessem disso. Então não vou contar qual é o nome dele. Só vou dizer que nasceu na Bahia e era branco. Comigo foi sempre carinhoso e brincalhão. Meu pai era um fidalgo, ou seja, era filho de pessoas ricas e importantes. Desde cedo ensinaram a ele que a pior coisa do mundo era trabalhar. Como tinha muito tempo livre, ele passava a vida entre uma festa e outra. E a coisa que ele mais gostava era jogar cartas. (TORERO, PIMENTA, 2015, p. 7).

É possível observar a diferenciação ao retratar um homem branco. Ainda que Gama não dê informações exatas sobre seu pai ao longo da sua vida, a “liberdade de criar” dos autores, não se mostrou o suficiente para descrevê-lo pelos seus atributos físicos ou termos que desqualificam sua existência branca. Não descrever os atributos físicos, expressa uma narrativa em que o branco não é visto como uma construção racial. É como se o homem branco fosse um sujeito universal, não sendo racializado. Nas palavras de Gouvêa (2005, p. 88),

O “pertencimento” racial que situava os personagens na narrativa, ao contrário dos personagens brancos, cujas marcas raciais não eram nomeadas [...] Pode-se analisar que a referência racial é que conferia identidade ao personagem, distinguindo-o dos demais, definindo uma alteridade. [...] Os atributos físicos dos personagens eram descritos de forma diferenciada ao se referir a negros e a brancos.

A obra sucede, apresentando Getulina, amiga de infância de Luiz Gama, a qual era mantida enquanto escravizada:

Meu melhor amigo era uma amiga, a Getulina. Ela tinha a pele bem negra, era bochechuda e seus olhos eram rasgadinhos [...] ela era escrava de um português chamado José Amaral, e esse homem só a deixava ficar na rua de manhã. Um dia eu e Getulina esquecemos a hora e ela voltou bem tarde para casa. Nesse dia, o José do Amaral ficou bravo e falou assim: - Agora tu vais ver, pretinha! Vou te marcar com a minha letra. Então ele mandou que os capatazes segurassem a Getulina e esquentou um ferro que tinha a letra “A” na ponta. Quando minha amiga estava dominada, ele encostou o ferro na testa dela. A coitada gritou de dor [...] fiquei com muita raiva do Amaral, e da letra “A” também. (TORERO; PIMENTA, 2015, p. 8-9)

FIGURA 2: Getulina sendo marcada com um ferro quente



Fonte: Abecê da Liberdade, 2015.p.9.

A prática de marcar os escravizados com ferro quente, era uma forma de registrar que aquele indivíduo, pertencia a um “dono”. Robert Walsh (1985, p. 215) afirma que “uma vez que pertenciam a diferentes donos, eram todos marcados como gado, com a marca de seus proprietários impressa, a ferro quente no peito e nos braços dos infelizes”. Moura (2004, p. 26) ainda aponta que, “raramente um escravo não apresentava uma das marcas de violação no seu corpo, nas nádegas, no ombro, no peito, nos pés ou nos órgãos sexuais.”

A ilustração utilizada no livro para demonstrar este ato, levanta alguns questionamentos, ao se pensar quais efeitos desta imagem para a faixa etária de 6 a 8 anos indicada pela obra? Será que é de fato interessante mostrar a imagem de uma criança que será marcada com a letra do seu senhor a ferro quente? Ainda que as DCNERER, evidenciam a necessidade de mostrar a realidade desde a infância, ainda há uma dificuldade em trabalhar temas considerados sensíveis em sala de aula.

Logo, Alberti (2014, p. 3), discute que o ensino de temas sensíveis, “não tem como objetivo chocar ou apenas dar a conhecer eventos chocantes do passado. O objetivo é suscitar a reflexão do aluno.” Desse modo, há uma necessidade de uma dosagem, assim como uma preparação profissional, para que esse ensino não seja carregado de marcas e identificações negativas ao tratar determinados temas.

Posteriormente, a obra retrata a viagem de Gama e de sua amiga Getulina no navio negreiro. Ao serem vendidos, os escravizados eram colocados no porão das embarcações, em condições precárias de subsistência humana. Segundo os autores:

A viagem pelo mar foi tranquila. Não houve nenhuma tempestade e o navio quase não balançou. Eu, a Getulina e outras crianças estávamos tristes nos [sic] começo, mas depois fomos conversando, daí passamos a brincar de pega-pega, esconde-esconde, escravos de Jó (o que é bem engraçado, porque nós éramos escravos de verdade), e até pulamos corda, ou melhor, corrente. Nem parecia que íamos ser comprados por pessoas brancas e trabalhar de graça para elas até a morte. Mas podia ser nossa última chance de brincar. Então nós brincamos. (TORERO; PIMENTA, 2015, p. 26-27).

FIGURA 3: Ciranda das crianças no navio negreiro

Fonte: *Abecê da liberdade*, 2015, p. 27.

A maneira que os autores apresentam e ilustram o que foi o tráfico interprovincial, tende a diminuir e negar a gravidade do sofrimento de um povo à medida que a escravidão é naturalizada. A escravidão representou ao povo negro, a perda da família, de sua cultura, do direito à liberdade e para crianças, principalmente, a ausência da infância.

Os equívocos históricos trazidos pelas narrativas dos autores, direcionam as crianças negras a entenderem que o tráfico de pessoas em condições escravizadas foi um destino tranquilo, alegre e divertido. Essa descrição tende a moldar o infante a não reconhecer os traumas árduos vividos pelo seu povo, por entender que a vivência enquanto escravizado foi algo prazeroso, sem dor e sem sofrimento.

Entretanto, Mahommah Gardo Baquagua, ex-escravizado, trazido para o Brasil a bordo de um navio negreiro, relata sua trágica experiência que contradiz a narrativa dos autores no seguinte trecho de sua autobiografia:

Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de lado e as mulheres de outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga. (BAQUAQUA, 1854 apud LARA, 1988, p. 272)

Afirmar que foi uma viagem tranquila é não reconhecer os traumas sofridos que perduram presentemente ao povo negro. Não há como retratar aspectos de desumanidade de maneira lúdica. É preciso reconhecer os danos que serão causados ao reproduzir um cenário de harmonia.

Logo, é necessário atentar-se para narrativas que desqualificam a trajetória negra, assim como a propagação de fatos por um único ponto de vista, muitas vezes sendo o do autor. A maneira que a literatura infantil se apresentou por muito tempo, afastou a criança negra do reconhecimento e identificação, aproximando-a da ideologia eurocêntrica. Com isso, é preciso que literaturas afro-brasileira e antirracistas sejam divulgadas e construídas, na intenção que a criança negra e não-negra, se apropriem de maneira positiva.

Considerações Finais

Dado o exposto, percebeu-se que a narrativa apresenta a história e cultura afro-brasileira na ótica do outro e de maneira irresponsável, permitindo reproduções de uma história única, corroborando para o fortalecimento de discursos homogeneizadores sobre a raça humana.

Ao introduzir narrativas como do *Abecê da Liberdade* nos bancos escolares, tem-se encaminhado para a reprodução do racismo, dado que os aspectos desumanos que desqualificam o ser negro, estão sobrepostos em todo o conto. Logo, sugere-se uma reorganização nos parâmetros de seleção dos livros infantis das instituições de ensino, assim como uma revisão editorial na intenção de ampliar o acervo da literatura afro-brasileira positiva, garantindo às crianças o conhecimento da realidade e não às manter à mercê da manutenção da lógica da sociedade racista.

Por fim, saliento que a intenção aqui não é condenar a obra ou os autores. O livro *Abecê da Liberdade*, em meio a tantas problemáticas, desperta o interesse de descobrir ainda mais sobre o menino que quebrou correntes com palavras. No entanto, é preciso uma responsabilidade ao utilizar da liberdade de criar e da ausência de exatidão histórica, uma vez que corrobora para identificação negativa da criança negra, resultando em uma repulsa pela sua cor. De qualquer sorte, a obra serviu não apenas para uma reflexão sobre as literaturas afro-brasileiras, mas para ser um modelo de obras que não devemos reproduzir no âmbito social e escolar.

Referências

AULETE, C. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2. ed. [s.l.]: Editora do Brasil, 2010.

ALBERTI, V. *O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas*. (Palestra). In: Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades. Rio Grande do Norte, 17-21 nov. 2014.

BISPO, C.; LINS, H. Literatura afro-brasileira e africana para infância: Que histórias se dão a contar-praticar na escola? *Caderno de letras*, Pelotas, n.38, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2004.

COMPANHIA DAS LETRAS. *Sobre o livro "Abecê da liberdade": nosso posicionamento, o que aconteceu no processo e o que estamos fazendo*. Disponível em: <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Nota-deposicionamento>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

CUTI (Luiz Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2010.

FERNANDES, J. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cad. Cedes*, v.25, n.67, p 378-388, Campinas, 2005.

FERREIRA, L. "*Lições de resistência*" obra de Luiz Gama é tão fascinante quanto a vida do abolicionista, diz pesquisadora. [Entrevista concedida a] Thiago Ângelo, Consultor Jurídico, 54 [S.l.] 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-set-13/entrevista-ligia-fonseca-ferreira-professora-pesquisadora/>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

GONÇALVES, R.; SILVA, D. *O papel da literatura infantil no contexto da educação infantil e na formação da criança: uma revisão bibliográfica*. Pesquisa, sociedade e desenvolvimento, Rio de Janeiro, v. 9, n. 5, p.1-18, mar.2020.

GOUVÊA, M. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, 2005, p. 77-89.

LARA, S. Biografia de Mahommah G. Baquaqua. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n.16, p.269-284, mar./ago., 1988.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Editora Nacional, 1931.

MARIOSIA, G.; REIS, M. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. *Estação Literária*, Paraná, v. 8, p.42-53, dez.2011.

MOURA, C. *O dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2004.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. *Análise Textual Discursiva*. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

SILVA, C. *Abecê da liberdade para deleite da casa grande*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/abece-da-liberdade-para-deleite-da-casa-grande/> acesso em: 20 de out. de 2022.

SILVA, A. *A desconstrução da discriminação do livro didático*. In: MUNANGA, Kabengele (org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

TORERO, J.; PIMENTA, M. *Companhia das letras recolhe livro com crianças brincando no navio negreiro*. [Entrevista concedida a] Ana Maria Alcântara. Uol, Paraná, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/09/11/cia-das-letas-recolhe-livro-que-mostra-crianca-brincando-em-navio-negreiro.htm>. Acesso: 07 de out. de 2022.

_____. *Pisando em ovos: A difícil arte de escrever para crianças em tempos de vigilância constante de patrulhas ideológicas*. Rascunho, São Paulo, 12 de set. 2021.

_____. *Terra Papagali*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.

_____. *Abecê da liberdade: A história de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com palavras*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2015.

_____. *Nonô descobre o espelho*. São Paulo: Companhia das letras, 2007. TORERO, J.; PIMENTA, M. *Nuno descobre o Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

VASCONCELOS, B. *O escravo como coisa e o escravo como animal: da Roma antiga ao Brasil contemporâneo*. Revista UFG, Goiás, 2012.

WALSH, R. *Notícias do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 2.ed. São Paulo: Bookman, 2001.

Recebido em abril de 2023.
Aprovado em dezembro de 2023.